TRANSIÇÃO CAPILAR E O PROCESSO DE EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA

Alessandra Leite[1]

Lila Cristina Xavier Luz[2]

RESUMO

O cabelo possui em grande parte das etnias africanas a função social de demonstrar através do corpo, o papel que determinado indivíduo desempenha no grupo. Por esse motivo ele se relaciona diretamente à identidade étnica que por sua vez tem diversos conteúdos que vai desde a estética até a aceitação-intrínseca e indenitária- sendo um dos elementos corporais mais significativos e através dele podem ser expressas crenças, políticas e pertencimento de um povo. O objetivo deste artigo é refletir sobre a ressignificação das mulheres durante a transição capilar e o empoderamento que ocorreu frente à aceitação do cabelo natural. Esta pesquisa configura-se como uma pesquisa qualitativa abrangendo a metodologia bibliográfica. A transição capilar, neologismo criado a partir da relação mulher x cabelo quimicamente tratado, utilizando por meios de procedimentos, como alisamento, a mudança nos cabelos naturais, geralmente cacheados, crespos, ao liso perfeito.

Palavras-chave: Mulher negra; Empoderamento; Transição Capilar.

ABSTRACT

In most African ethnic groups, hair has the social function of demonstrating, through the body, the role that a given individual plays in the group. For this reason, it is directly related to ethnic identity, which in turn has several contents ranging from aesthetics to acceptance-intrinsic and indenite-being one of the most significant bodily elements and through it beliefs, policies and belonging can be expressed. people. The aim of this article is to reflect on the redefinition of women during the hair transition and the empowerment that occurred in face of the acceptance of natural hair. This research is configured as a qualitative research covering the bibliographic methodology. The hair transition, a neologism created from the relationship between woman x chemically treated hair, using through procedures such as straightening, the change in natural hair, usually curly, frizzy, to the perfect straight.

Keywords: Black woman; Empowerment; Hair Transition.

1 INTRODUÇÃO

[1] Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: alessandraleite53@gmail.com

[2] Vinculo Institucional: Universidade Federal do Piauí - UFPI, Centro de Ciências Humanas e Letras. Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: lilaluz@ufpi.edu.br

O cabelo possui em grande parte das etnias africanas a função social de demonstrar através do corpo, o papel que determinado indivíduo desempenha no grupo. De acordo com Gomes, além da pele negra o cabelo é outro componente expressivo no corpo:

> Ele é maleável, visível e possível de alterações e foi transformado pela cultura, em uma marca de pertencimento étnico/racial. O cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude nos corpos. (...) Nas múltiplas possibilidades de análise que o corpo negro nos oferece, o trato do cabelo é aquele que se apresenta como a síntese do complexo e fragmentado processo de construção da identidade negra (GOMES, 2002, p.7).

Além de remeter a uma origem africana, o cabelo, bem como o corpo, são parâmetros da função social do indivíduo. Como o africano era o submisso no período escravocrata, seu corpo e seu cabelo eram claramente expostos à violência. Além disso, a noção entre boa aparência e cabelo resultou que o crespo/cacheado é denominado como ruim, duro, feio, difícil de ser manuseado, e precisa de alguma intervenção para melhorá-lo (MATOS, 2015).

O cabelo se relaciona diretamente à identidade étnica que por sua vez tem diversos conteúdos que vai desde a estética até a aceitação-intrínseca e indenitária- sendo um dos elementos corporais mais significativos e através dele podem ser expressas crenças, políticas e pertencimento de um povo. De acordo com Oliveira (1976), o conceito de identidade possui dois desdobramentos: o individual e o coletivo. O individual diz respeito ao *self*, o reconhecimento e a aceitação do “eu”. Enquanto, o coletivo menciona o compartilhamento de atributos em comum de um determinado grupo. Os componentes desse grupo assim criam a dimensão de pertencimento, reconhecendo o “eu” no “outro”.

O corpo não é somente a junção biológica de células e, sim, a expressão viva da cultura e etnia de um grupo. Nele, as características podem ser aceitas ou negadas, Matos (2015), no caso de rejeição corporal, as mulheres negras são mais atingidas, por causa da supervalorização da estética feminina branca.

Empoderar-se significa apossar-se, transformação de um sujeito em agente ativo por meio de processos e acontecimentos que variam de acordo com o contexto, Martins (2003), diante de variedades de situações ser capaz, assertivo, hábil, ampliar

as possibilidades e posse, são algumas das competências de poder que essa atual nomenclatura empodera, as mulheres em questão à passar por ações que deixam ela em posição de subalternização. O empoderamento feminino visa à diminuição da desigualdade de gênero e a garantia dos direitos e autonomia da mulher, no empoderamento o gatilho para a equidade de gênero, que se refere ao reconhecimento dos direitos humanos das mulheres, incluindo os direitos políticos, sociais, culturais, além dos sexuais e reprodutivos.

O objetivo deste artigo é refletir sobre a ressignificação das mulheres durante a transição capilar e o empoderamento que ocorreu frente à aceitação do cabelo natural. Diante de toda história de luta da mulher negra, que de geração em geração perpassou e passa por estereótipos e preconcepções enraizados culturalmente, que afeta no seu pensamento e comportamento, fazendo com que deixe-se influenciar e modificar seu corpo para integrar no “ideal” padrão de beleza existente.

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, adotando-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, voltada à revisão da literatura dos principais conceitos sobre transição capilar e o empoderamento da mulher negra. Adota-se, para análise da referida publicação na internet, a pesquisa foi constituída pelo levantamento bibliográfico na base de dados Google Acadêmico, tendo como descritores as palavras-chave “transição capilar”, “empoderamento feminino”, “mulher negra”, apresentando como critérios de inclusão produções em língua portuguesa (Brasil) e trabalhos científicos publicados atualmente.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES/ANÁLISE CRÍTICA

O corpo muito mais que uma expressão da constituição molecular dos seres, é a expressão viva da cultura e da história que define seu papel e formato no mundo. “Nessa direção, Nancy Scheper-Hughes e Margaret Lock (1987) definem e consideram a relação entre três corpos: o corpo individual, o corpo social e o corpo político. O primeiro é entendido como a experiência do *self*, o segundo refere-se à representação do corpo como símbolo natural, e o terceiro refere-se à regulação e controle do corpo” (FIGUEIREDO, 2002:5).

No Brasil, alguns movimentos que marcaram as reivindicações a favor da democracia racial foram Frente Negra Brasileira criado em 1931; Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial em 1978; e Movimento Negro Unificado em 1979. O padrão estético europeu não reconheceu como “o belo” as características físicas do negro. A cor da pele, o formato do nariz bem como a textura do cabelo crespo, foram taxados como despossuídos de beleza. “‘Cabelo de bombril, esponja, piaçava, pucumã, cabelo ruim’ ". As mulheres de cabelos crespos crescem ouvindo expressões como essas, repetidas vezes, na maioria dos ambientes que frequentam, sejam eles públicos ou privados (COUTINHO, 2010:68). O cabelo crespo foi visto durante muito tempo como característico de pessoas desleixadas. É comum as primeiras experiências discriminatórias e pejorativas acontecerem no ambiente escolar (GOMES, 2011). É na infância que os sujeitos começam a perceber que são diferentes uns dos outros.

Influenciada pela organização estrutural da sociedade da qual fazem parte, as famílias atuam na maioria das vezes (GOMES, 2011) como motivadoras dos processos de modificação do cabelo das filhas. A violência simbólica (BOURDIEU WACQUANT, 2010) e estrutural (FARMER, 1997) age no inconsciente da aceitação da violência, e atua como justificativa para os processos químicos. Neste contexto, um cabelo duro, com volume e com dificuldades de pentear, é identificado como um cabelo feio que deve indubitavelmente, ser quimicamente tratado.

O cabelo possui, em grande parte das etnias africanas, a função social de demonstrar através do corpo, o papel que determinado indivíduo desempenha no grupo. Por esse motivo o cabelo constitui um sinal diacrítico que se relaciona diretamente à identidade étnica. O cabelo negro remete a uma ancestralidade africana, denotando a precedência étnica do indivíduo. Para Bárbara D. Miller (1998), o cabelo também pode ser analisado sob três perspectivas: quanto à dimensão pessoal; ao significado social; e à dimensão política. Politicamente, o cabelo tem adquirido um papel que denota resistência, afirmação e auto-reconhecimento étnico no interior de movimentos sociais.

A partir dos anos 1970, os cabelos negros, também categorizados como étnicos, passaram a constituir um sinal diacrítico de grande importância para

movimentos sociais de luta ao reconhecimento e respeito do povo negro nos Estados Unidos, o que se disseminou a vários países, inclusive no Brasil. A partir daí, houve um crescimento considerável de pessoas assumindo seu cabelo étnico natural como constituinte de uma identidade coletiva, (BOTEZINI, 2014).

A discussão organizar-se-á de forma a abarcar as temáticas relativas à defesa do uso do cabelo natural como um símbolo étnico que opera junto à cor da pele como sinais de reconhecimento, luta e resistência expressando a agência (DAS, 2007) que as mulheres em questão desenvolvem no cotidiano.

As mulheres que passam pelo processo de modificação química de seus cabelos são sujeitas sociais que carregam consigo a marca da história. Uma história que configuram como de discriminação e vergonha pela corporalidade desde muito antes das evocações das teorias do evolucionismo cultural. No século XIX “o racismo aparece na sua forma acabada, como um instrumento do imperialismo e como uma justificativa ‘natural’ para a supremacia dos povos da Europa Ocidental sobre o resto do mundo” (DAMATTA,2000:70). Teorias científicas deram suporte às políticas de limpeza racial ou eugenia.

Além do uso de ferro quente, Jocélio Teles cita, em seu livro “O negro no espelho: imagens e discursos no salão de beleza étnica” (1999) o uso de pastas; alisantes e outras invenções para associar o cabelo ao parâmetro ocidental, no qual as madeixas lisas e compridas são consideradas belas. Desse modo, desde a infância a aparência negra passa pelo procedimento de “naturalização do processo de embranquecimento racial” (ARRAES, 2013, s/n). Desenvolvem-se, por meio dos agentes sociais, os ferimentos morais (OLIVEIRA, 1976, p.16) acerca da aparência visual, como o desprezo, situações constrangedoras e preconceituosas. Ferimentos que são compartilhados pela coletividade e que são intrínsecos à formação histórica-social.

O alisamento, especificamente, é visto como um facilitador para o manuseio dos cabelos. A intervenção não pertence somente à percepção estética, mas pertence também à percepção identitária, ao anseio profundo de não “passar vergonha” de se apresentar com o cabelo afrodescendente e de se assemelhar a um grupo influente na sociedade.

O cabelo é percebido por essas mulheres como um veículo capaz de transmitir mensagens políticas. A transição capilar resume-se, de acordo com os dados, a uma redescoberta do *self* e da identidade étnica. O cabelo natural - que contempla duas significações para Figueiredo (2002): cabelo que não possua produtos químicos que modificam a estrutura dos fios; ou aquele cabelo que não pareça conter químicos; - remete ao orgulho da ancestralidade.

A transição capilar, neologismo criado a partir da relação mulher x cabelo quimicamente tratado, utilizando por meios de procedimentos, como alisamento, a mudança nos cabelos naturais, geralmente cacheados, crespos, ao liso perfeito.

Este processo atualmente bastante utilizado não só pelas mulheres negras, mas a mulher que aceita seu cabelo natural, assim, além da mudança dos cabelos há um envolver-se com a grande aceitação e reconhecimento da identidade étnica individual e coletiva, o que contribui para elevar a autoestima das mulheres, pois não existe apenas uma mulher lutando, mas sim um grupo de mulheres, onde os cabelos se tornam veículos para transmitir mensagens políticas, de diversidade, identidade de gênero, aceitação e beleza.

2.1 Das resistência ao reconhecimento

De acordo com Gomes (2002) a maioria das mulheres negras busca por diversas tentativas de alisar os cabelos, tirar o aspecto crespo, devido terem sofrido na infância e na adolescência algum tipo de preconceito, que envolve esses apelidos maldosos em relação ao seu cabelo, e também a dificuldade de manusear o cabelo crespo.

> “Nas interações e diferentes formas de parcerias estabelecidas com o outro, cada sujeito humano desempenha papel ativo e constitutivo. O ato de conhecer é resultado da internalização de experiências significativas, nas quais o meio físico e o social exercem papel determinante”. (2002, p. 48)

Não só as mulheres que possuem o cabelo crespo buscam por mudanças que envolvem processos químicos, mas também muitos homens que também sofreram na

infância e na adolescência, buscam por essas mudanças, ou outras formas de enfrentamento na tentativa de não ter o cabelo crespo.

O sentido que é atribuído aos cabelos pelos sujeitos que os manipulam, as tentativas de alisar o cabelo ou usar outros penteados podem ser utilizados para camuflar a etnia a qual se pertence, as frustrações, os traumas vivenciados no decorrer do processo da construção da identidade negra e se esconder na tentativa de amenizar o preconceito a qual são expostos.

O preconceito segundo o Dicionário Aurélio, significa uma predisposição a uma ideia e julgamento preconcebidos sobre uma pessoa ou grupo de pessoas (2008, p.648). É estabelecido e sustentado sem nenhuma comprovação concreta e mantido apesar de existirem evidências que contradizem esse pensamento disfuncional (CAVALLEIRO, 2000). As pessoas negras diariamente são submetidas a um processo de desvalorização constante, tendem a se identificar com uma minoria estigmatizada, sob os rótulos de inferiores, pobres e incapazes, e fazem parte do segmento da população brasileira que talvez mais sofra o efeito da discriminação e do preconceito, sempre encobertos por frases e gestos que na verdade são formas de discriminação mais de forma indireta. Por esse motivo é de extrema importância que se tenham discussões em relação ao preconceito, o racismo e os símbolos que fazem parte da identidade negra, para que não haja segregação e não se utilize rótulos.

É por meio de informações transmitidas pela comunidade, família e meios de comunicação que podem afetar as pessoas e gerar mudanças, para uma sociedade igual de direitos, sem nenhuma distinção.

Há um padrão de beleza, construção de regras e estereótipos que são valorizados pela sociedade. Isso se faz presente na cultura brasileira e pode ser explicado através da história, onde foi enraizada a influência européia. Quintão (2013) relata que desde pelo menos o século XIX, existia essa diferenciação do cabelo liso do branco europeu que seria associado a características sempre positivas como melhor, bonito, bom, enquanto que o cabelo do negro estaria associado a características negativas como ruim e feio, nesse caso existe uma hierarquização, uma classificação que associa crespos como inferiores aos cabelos lisos dos europeus.

Nos anos 70, os cabelos negros passaram a constituir um símbolo de extrema importância para movimentos sociais, lutas por reconhecimento e acima de tudo o respeito pelo povo negro, muitos assumiram o cabelo crespo como forma constituinte de uma identidade coletiva. No entanto os cabelos lisos com diversas propagandas que pregavam a praticidade e a moda do "sem volume" foram sendo impostas na sociedade e muitos começaram pela busca por tratamentos que modificassem a estrutura capilar.

Considerando a influência da cultura e de estereótipos criados pela sociedade no decorrer do tempo, Bárbara D. Miller[3] (1998), analisa o cabelo sob três perspectivas: quanto à dimensão pessoal; ao significado social; e à dimensão política. Politicamente, o cabelo tem adquirido um papel que evidencia resistência, aceitação e reconhecimento através de movimentos sociais.

As famílias na maioria das vezes atuam como motivadoras no processo de modificação dos cabelos dos filhos, pois são influenciadas pela sociedade (GOMES, 2011). Mesmo quando há a tomada de decisão para passar pelo processo de transição existe a presença do medo, ansiedade e angustia em não saber como reagir a um "novo eu" e como os outros irão tratá-lo. "Mudar o cabelo pode significar sair do local de inferioridade que é destinado ao negro e desenvolver um sentimento de autonomia nas formas de usar o cabelo" (GOMES, ibid.).

Atualmente é possível perceber que muitas mulheres estão optando por usar o cabelo natural, as redes sociais e a mídia vêm influenciando as mulheres na busca pelo natural e está cada vez mais presente o uso consciente do cabelo e do corpo como reivindicadores de uma política de aceitação e reconhecimento, que fortaleceu a identidade negra (FAGUNDES, s.d.) e a busca ainda mais pela luta da valorização estética deste grupo.

Os cabelos crespos estão além de apenas um estilo, se tornando sinônimo de resistência e luta por um sistema visto como racista e opressor. Por esse motivo, com

[3] Miller é uma antropóloga cultural com especialidades: tópicos em saúde, desenvolvimento internacional, sexo, filhos, a família, o patrimônio cultural e político; e especialização regional no Sul da Ásia. Ela também é diretora do Instituto de Estudos Globais e Internacionais, a cultura nos assuntos globais Research&PolicyProgram (CIGA), e do Programa Global Gender.

o crescimento do uso dos cabelos naturais e crespos, o mercado de cosméticos para cabelos esta buscando investir em produtos próprios para esse tipo de cabelo, já que antes existia um predomínio de produtos voltados apenas para os cabelos lisos.

A transição capilar envolve diversas variáveis, além da mudança dos cabelos, esta diretamente ligada à aceitação e reconhecimento da identidade étnica individual e coletiva, o que contribui para elevar a autoestima das mulheres negras, pois não existe apenas uma mulher lutando contra todos, mas sim um grupo de mulheres, onde os cabelos se tornam veículos que podem transmitir mensagens políticas, de diversidade, aceitação e beleza.

3. CONCLUSÃO

O cabelo possui, em grande parte das etnias africanas, a função social de demonstrar através do corpo, o papel que determinado indivíduo desempenha no grupo. Por esse motivo o cabelo se relaciona diretamente à identidade étnica. Por muito tempo a influência européia se fez predominante, desvalorizando os traços e as características do negro, hoje com as transformações e a liberdade de se expressar fez com que as pessoas com cabelo crespo assumissem seus cabelos naturais como uma forma de reconhecimento e aceitação de uma cultura e de um grupo. A procura por produtos específicos para o cabelo crespo aumentou, devido a um maior número de pessoas estarem optando por ter os cabelos naturais, isso fez com que o mercado de cosméticos começasse a investir mais em produtos voltados para os cabelos crespos e não mais focados apenas nos cabelos lisos. A aceitação do cabelo natural, sem nenhum tipo de tratamento químico faz com que existam referencias para a nova geração de crianças com cabelo crespo, onde elas podem ter alguém como referência e não mais tentar se adequar a um padrão estabelecido pela sociedade.

REFERÊNCIAS

A EMANCIPAÇÃO DO AFRO-DESCENDENTE. Psicologia & Sociedade; 14 (1): 69-86; jan./jun.2002.

BOTEZINI, NatanaAlvina. Cabelos Em Transição: Um Estudo Acerca Da Influência Dos Cabelos Afro Como Sinal Diacrítico E Reconhecimento Étnico. 38º Encontro Anual Da Anpocs Gt32 - Relações Raciais: Desigualdades, Identidades E Políticas Públicas. Disponível em http://www.anpocs.org/index.php/papers-38-encontro/gt-1/gt32-1/9135-cabelos-em-transicao-um-estudo-acerca-da-influencia-dos-cabelos-afro-como-sinal-diacritico-e-reconhecimento-etnico/file acesso em: 16 de junho de 2020.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. São Paulo: Bertrand Brasil, 2011.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic. Symbolic Violence. In: SCHEPER-HUGHES, Nancy; BOURGOIS. Philippe.Violence in War and Peace.Victoria, Blackwell Publishing, 2010.

CASTRO, Crystiane Castro; KABENGELE, Daniela. **O Cabelo Crespo e Cacheado e a Construção da Identidade no Grupo Virtual Cachos Alagoanos**. Ciências humanas e sociais | Maceió | v. 4 | n.1 | p. 101-116 | Maio, 2017. *Disponível em*: https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article/view/4124. Acesso em: 16 de out. 2017.

CAVALLEIRO. Eliane dos Santos. Do Silênciodo Lar Ao Silêncio Escolar – Racismo, Preconceito E Discriminação Na Educação Infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

FAGUNDES, Raphaela M. Penteado Afro: Cultura, Identidade E Profissão. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/Penteado-Afro-Cultura-Identidade-e-Profiss%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

FARMER, P. On Suffering AndStructural Violence: A View From Bellow. In: KLEINMAN, A.; DAS, V.; LOCK, M. Social sufferin. Berkeley, Los Angeles, Londres. UniversityofCalifornia Press, 1997.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. Miniaurélio: O Minificionário Da Língua Portuguesa Dicionário. 7. Ed.- Curitiba: Ed. Positivo; 2008. 896p.

GOMES, N. L. Trajetórias Escolares, Corpo Negro E Cabelo Crespo: Reprodução De Estereótipos Ou Ressignificação Cultural? . Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51,2002.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003.

MATOS, Édila Maria dos Santos. **Cachear e Encrespar:** moda ou resistência? Um estudo sobre a construção identitária do cabelo afrodescendente em *blogs*. Banco de monografias, Brasília - DF, novembro de 2015. *Disponível em*: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/12124/1/2015_EdilaMariadosSantosMatos.pdf. Acesso em: 10 de set. 2020.

MITCHELL, Gladys. Identidade Coletiva Negra E Escolha Eleitoral No Brasil. Opin. Publica [online].2009, vol.15, n.2, pp.273-305.ISSN 0104-6276. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-62762009000200001.

O Brasileiro, O Racismo Silencioso E A Emancipação Do Afro-Descendente. FERREIRA, Ricardo Franklin. Psicol. Soc. [online]. 2002, vol.14, n.1, pp.69-86. ISSN 1807-0310. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822002000100005.

OLIVEIRA, Gabriela de Souza. Em Terra De Chapinha, Quem Tem Cachos É Rainha":A Visibilidade Dos Cabelos Afrodescendentes Nas Campanhas Publicitárias De Dove E GarnierFructis. Universidade de Brasília.Faculdade de Comunicação Social e Comunicação Organizacional. Professora Orientadora: Elen Cristina Geraldes. (DF), novembro de 2015.

OLIVEIRA, Marina Trenchde.Cabelos: da etologia ao imaginário. Rev. bras. psicanál [online]. 2007, vol.41, n.3, pp. 135-151. ISSN 0486-641X.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna.OQue Ela Tem Na Cabeça? Um Estudo Sobre O Cabelo Como PerformanceIdentitária/ Adriana Maria Penna Quintão.–2013.196f.

SANTOS, Ana Lucia da Ressurreição; Conceição, Milena Barbosa;Brito,Dyane.Cabelo, Cabeleira, Cabeluda, Descabelada: A Importância Do Cabelo Na Construção Da Identidade Da Raça Negra. III Encontro Baiano de Estudos em Cultura.

SILVA, Vera Lúcia Neri da.As Interações Sociais E A Formação Da Identidade Da Criança Negra. Universidade Federal Fluminense –UFF. GT: Educação de crianças de 0 a 6 anos/ n. 07 Agência Financiadora:. CAPES. julho de 2002.

VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. Construção Da Subjetividade: Processo De Inserção De Crianças Pequenas E Suas Famílias À Creche. Tese apresentada concurso para professora titular em Educação Infantil. UERJ. Rio de Janeiro: 2002.